

ESPECIAL

Fortalecer a ação do Partido entre os Trabalhadores

COMISSÃO SINDICAL NACIONAL*

Apresentação

Nos dias 11, 12 e 13 de fevereiro o Partido Comunista do Brasil realizou um seminário nacional para analisar os problemas e desafios do movimento operário e sindical na atualidade. São problemas candentes, decorrentes do desenvolvimento objetivo do capitalismo, cabendo destacar o avanço das novas tecnologias e a expansão imperialista do capital, assim como da política neoliberal, impulsionada no Brasil por FHC, e da derrocada do socialismo no Leste europeu, que abalou profundamente a perspectiva socialista e revolucionária do proletariado apesar das conquistas e avanços obtidos. em Cuba, China, Vietnã, Laos, entre outros países socialistas.

Neste documento, a Comissão Sindical Nacional faz uma breve síntese do seminário, que apresenta como texto-guia dos debates da Conferência Sindical Nacional do PCdoB, convocada para os dias 29 e 30 de junho e 1 de julho, com o objetivo de aprofundar o estudo dos temas em questão, auxiliar a direção do Partido no processo coletivo de elaboração da estratégia comunista e contribuir para as resoluções do 10º Congresso, que deverá ser realizado em dezembro deste ano.

DESAFIOS E TAREFAS DOS COMUNISTAS DO MOVIMENTO OPERÁRIO E SINDICAL

I Parte

Um cenário de crises

1 - Entre as conclusões do seminário, extraída em diferentes intervenções, destaca-se a de que vivemos hoje um cenário contraditório, marcado, de um lado, pela crise do sistema capitalista-imperialista e da sua política neoliberal e, de outro, pela crise do movimento operário e sindical.

2 - O capitalismo padece já há algum tempo uma crise de natureza econômica, caracterizada por baixas taxas de crescimento, elevado nível de desemprego e a emergência de graves desequilíbrios e instabilidades provocadas pela hipertrofia na esfera financeira (veja tabela "o quadro da crise"). O sistema também se vê às voltas com o acirramento das contradições interimperialistas (evidenciadas nas recorrentes guerras comerciais), dos conflitos entre as potências e os países dependentes, bem como entre capital e trabalho.

3 - Já a crise do movimento operário e sindical - refletida na redução da representatividade e capacidade de mobilização de suas organizações, além da ausência de perspectiva e espírito revolucionário - resulta de causas objetivas e subjetivas.

Depreciação do trabalho

4 - As últimas décadas foram marcadas, em todo o mundo capitalista e também no Brasil, por transformações dramáticas nas relações entre capital e trabalho, no perfil do proletariado e na organização dos trabalhadores. Presen-

ciamos a crescente precarização dos contratos e relações trabalhistas, a diminuição relativa e absoluta da renda e condições de vida dos assalariados e uma cruel mudança no patamar do desemprego.

5 - O desemprego em massa tornou-se um problema estrutural, que persiste até nas fases de crescimento do ciclo econômico. Resulta da redução, drástica no caso do Brasil, das taxas de crescimento econômico, das privatizações e da progressiva substituição do homem pela máquina (ou do trabalho vivo por trabalho morto) no processo produtivo. Este último fenômeno, que está na raiz do crise do modo de produção capitalista, inspirou idéias e concepções falsas e depreciativas sobre o trabalho e o trabalhador, que já não teria grande papel a desempenhar na sociedade moderna, segundo alguns ideólogos neoliberais, que usam tal argumento para justificar a falta de emprego, o arrocho e a flexibilização de direitos.

Um drama global

6 - Devido à crescente internacionalização do capital, os problemas do proletariado ganharam maior dimensão mundial, assim como a política neoliberal. O drama vivido pelos trabalhadores de diferentes países se assemelha. No Brasil hoje, ao contrário do quadro verificado duas décadas atrás, 54% da População Economicamente Ativa (PEA) integram o mercado de trabalho informal. Apesar da heterogeneidade do trabalho informal, tal estatística é uma expressão da degradação dos contratos e do emprego em nosso País. A taxa de desemprego praticamente dobrou nos anos 90, saltando de 4,3% em 1990 para 7,1% no ano 2000, segundo dados do IBGE, ou de 10,3% para 17,6% no mesmo período, de acordo com os critérios do Dieese (dados da Grande SP). Não foi por mera coincidência que se registrou, concomitantemente, um crescimento assustador da marginalidade e da violência em nossa sociedade, principalmente nos grandes centros urbanos.

7 - Verificam-se transformações também significativas na estrutura do mercado de trabalho, com a redução da importância relativa dos setores primários (agro-

pecuária) e secundário (indústria) da economia, tendo por contrapartida o crescimento do setor terciário (comércio e serviços), bem como a ampliação da mão-de-obra assalariada e da participação de mulheres e jovens no mercado.

8 - As estatísticas do IBGE revelam que entre 1996 a 1998 o pessoal ocupado nas empresas do País cresceu apenas 3,71%, passando de 27.197.791 em 96 para 28.207.298 em 1998. No comércio, a expansão do emprego foi de 9,83%, de 3.358.241 para 3.688.248 pessoas. O setor de serviços registrou no período um avanço de 7,58%. Já o número de trabalhadores empregados na indústria caiu 6,27%, de 5.088.220 para 4.758.692. Também vem sendo registrado um sensível aumento da participação de jovens e mulheres no mercado de trabalho. Outro fenômeno notável é a desconcentração da produção, com a terceirização e o deslocamento físico de empresas para cidades do interior. Regiões de grande concentração de empresas estão sendo esvaziadas, como o ABC paulista.

9 - A reestruturação das in-

dústrias de ponta resultou também no aumento da subordinação do trabalho ao capital, com o saber operário sendo transferido para os programas das máquinas computadorizadas, enfraquecendo ou mesmo extinguindo os setores de maior consciência de classe e experiência de luta, caso dos ferramenteiros e torneiros-mecânicos, que no passado comandavam as greves e batalhas operárias.

Fatores objetivos e subjetivos

10 - Em boa medida, as transformações em curso nas relações entre capital e trabalho são causadas por fatores objetivos dados pela própria dinâmica da evolução do modo de produção capitalista, a cada dia mais globalizado e monopolizado, e pela crise do sistema, que ocorre independentemente da ação e da vontade das classes sociais. A eles se aliam acontecimentos de caráter subjetivo, iniciativas nos planos político e ideológico que também alteram as regras do jogo social e contribuem para a deterioração da situação dos trabalhadores. Entre tais fatores, destaca-se a política neoliberal.

11 - Tal política significa uma ofensiva brutal do capital contra o trabalho, talvez sem paralelo na história mundial. Resulta, em muitos países, num retrocesso secular das relações sociais e aponta para o fim do Direito do Trabalho, ao implementar a desregulamentação dos contratos e da legislação.

Ofensiva reacionária

12 - No Brasil, a política neoliberal, aplicada pela dupla FHC/FMI, vem causando consideráveis sofrimentos ao povo, à nação e, principalmente, aos trabalhadores. O direito à aposentadoria foi golpeado pela Reforma da Previdência, os direitos trabalhistas são alvo de diversos projetos legislativos, Medidas Provisórias, decretos, portarias e proposta

Conferência Sindical do PCdoB

JOÃO BATISTA LEMOS

1 - Nos dias 29 e 30 de junho e 1 de julho o Partido realizará, na cidade de Belo Horizonte, a 1ª Conferência Sindical consultiva à Comissão Sindical Nacional. É uma Conferência "não estatutária" - não segue as normas previstas no estatuto do Partido - seu caráter é consultivo.

Tem por objetivo, através de ampla consulta às bases sindicais e direções partidárias, aprofundar a análise dos problemas e desafios do movimento operário e sindical na atualidade, auxiliar a direção do Partido no processo coletivo de elaboração e contribuir para as resoluções do 10º Congresso, que será realizada em dezembro deste ano.

2 - Temário

Análise da situação objetiva e subjetiva dos trabalhadores;

Balço da atuação partidária e Plano de trabalho.

3 - Participantes da Conferência:

3.1 - Quotas por Estado: BA 30 - SP 20 - RJ 20 - MG 20 - RS 10 - CE 10 - SC 5 - ES 5 - SE 5 - AL 5 - PE 5 - PB 5 - RN 5 - PI 5 - MA 5 - PA 5 - AM 5 - AC 5 - GO 5 - DF 5 - PR 3 - MS 3 - MT 3 - RO 2 - RR 2 - AP 2 - TO 2.

3.2 - Membros da Comissão Sindical Nacional

3.3 - Convidados do Secretariado Nacional do PCdoB

3.4 - Convidados da Comissão Sindical Nacional

4 - Critérios para a realização do Encontro Sindical Estadual e escolha dos participantes e escolha da delegação.

4.1 - A Pauta do Encontro Estadual deve conter o debate do documento central da Conferência.

4.2 - Para compor a delegação do Estado à Conferência Nacional é obrigatório que o camarada participe do Encontro Estadual.

4.3 - A delegação do Estado deverá conter obrigatoriamente

o Secretário Sindical do Comitê Estadual.

4.4 - O Encontro Estadual deverá elaborar o documento de balanço da atividade sindical do partido no Estado.

5 - Participação nos debates

5.1 - Todos os filiados do Partido Comunista do Brasil podem participar dos debates da Conferência enviando suas contribuições escritas para o endereço eletrônico pcdobcc@uol.com.br ou para Rua Major Diogo, n.º 834 - Bela Vista - CEP: 01324-000 - São Paulo - SP, aos cuidados de Marcelo Cardia, até o dia 1º de junho de 2001.

6 - Calendário

6.1 - Período de realização dos Encontros Sindicais Estaduais - 07/04 a 17/06

6.2 - Conferência Sindical - 29 /30 de junho e 1 de julho - Belo Horizonte - MG

Secretário sindical nacional

Um quadro da crise

Taxas médias anuais de variação do emprego total, produto, produtividade e desemprego) EUA e União Européia (%)

	Emprego total	Produto total	Produtividade	Desemprego
EUA				
1960-73	1,94	4,31	2,63	4,94
1974-83	1,67	2,06	0,61	7,48
1984-99	1,74	2,94	0,93	6,07
União Européia				
1960-73	0,29	5,08	5,65	2,43
1974-83	-0,03	2,05	3,11	5,70
1984-99	0,54	2,38	2,07	10,82

Fonte: OCDE, In: Mattoso, J., 2000

de Emenda Constitucional que propõe a flexibilização do Artigo 7º da Constituição. Os cortes nos gastos sociais, em áreas como saúde e educação, elevaram o custo de vida para milhões de assalariados, que tiveram de recorrer a planos de saúde e escola particular, e para quem não tem condições de bancar o pagamento de tais serviços à iniciativa privada (caso da esmagadora maioria da população) significou em geral a privação pura e simples do direito à saúde e à educação.

13 - Os trabalhadores têm amargado o arrocho dos salários, expresso na redução da participação relativa dos salários na renda nacional (de 50% em 1984 para 36% no ano 2000), e a progressiva redução de conquistas e direitos. Durante os anos 90 o salário real médio caiu 8%. Informações recentes do IBGE indicam que em janeiro de 2001 o rendimento dos trabalhadores com carteira assinada declinaram 2,4% em relação ao mesmo mês do ano anterior, apesar do alardeado crescimento da economia. O funcionalismo público perdeu o direito à estabilidade e, em alguns casos (como o dos servidores federais), está com os salários congelados há seis anos.

14 - A política neoliberal vem provocando danos adicionais aos trabalhadores e ao povo em função da dependência econômica e, especialmente, do brutal endividamento externo. O comando da política econômica, como em outras nações da chamada periferia (com a exceção de alguns países asiáticos), tem ficado nas mãos de instituições comandadas pelo imperialismo, dominadas pelos EUA, como o FMI e Banco Mundial, que com suas "condicionalidades", subordinam as diretrizes governamentais aos interesses das potências e das chamadas transnacionais. Impõem a desnacionalização e a renúncia (gradativa) dos importantes direitos trabalhistas, com graves consequências para os trabalhadores e os povos.

15 - Vai-se acentuando tam-

ESPECIAL

bém a divisão internacional do trabalho, com as grandes potências se especializando no trabalho complexo, que agrega mais valor por tempo de produção (e em particular, as atividades relacionadas a Pesquisa e Desenvolvimento - P&D - e bens culturais), e relegando à "periferia" o trabalho simples, que agrega menos valor. Este processo concede (aos países imperialistas) vantagens extraordinárias nas relações comerciais (reforçando os mecanismos da troca desigual) e viabiliza, junto com os lucros (incluindo juros) extraídos pelas transnacionais no exterior, as gritantes diferenças salariais entre o proletariado do centro e da periferia do sistema.

16 - A política de entrega do patrimônio público, com as privatizações, também contribuiu para o aumento do desemprego e das tarifas, além de agravar a dependência e vulnerabilidade da economia brasileira frente aos movimentos voláteis do capital estrangeiro.

Pressão ideológica

17 - Combinado com a ofensiva política, o neoliberalismo exacerbou a pressão ideológica sobre os trabalhadores. Explorando a derrota histórica do socialismo na URSS, seus ideólogos promovem uma ampla campanha para desmoralizar os valores sociais baseados no espírito de solidariedade coletiva, difundindo em contrapartida a cultura do individualismo, consumismo, concorrência desleal, desesperança e nihilismo. Procuram desacreditar e dividir as organizações de classe do proletariado, investindo na fragmentação do movimento social e corrupção de suas lideranças.

18 - Num contexto de intensificação da opressão de classe, em que parcela expressiva do proletariado é relegada à miséria do desemprego e subemprego e quem está ocupado sofre a pressão psicológica criada pelo acirramento da concorrência entre os próprios assalariados e a ameaça de demissões sumárias, avultam os problemas derivados das doenças profissionais, evidenciando a degradação da própria vida e saúde do trabalhador.

19 - Tudo isto vem repercutindo negativamente sobre as condições subjetivas do movimento operário e sindical, dificultando a formação da consciência de classe e a transformação do proletariado de classe em si em classe para si (conforme a classificação de Marx e Engels). A generalização da precarização e flexibilização das relações entre capital e trabalho (fenômeno global, associado ao neoliberalismo), ao lado do crescimento do desemprego, eleva o grau de exploração e alienação do trabalhador.

20 - É preciso reiterar o fato de que as mudanças nas relações entre capital e trabalho (ou no "mundo do trabalho", conceito controverso) vêm ocorrendo num ambiente político com correlação de forças francamente desfavorável aos comunistas e à classe operária, reduzindo o poder de mobilização, a unidade e as condições de luta dos trabalhadores e trabalhadoras, que têm sido restringidos à defensiva. O movimento sindical brasileiro está em refluxo e ainda numa fase de defensivo estratégico. A rigor, vi-

ve uma crise de representação, com a redução de suas bases (restritas ao mercado formal de trabalho) e número de filiados, e o obscurecimento das perspectivas políticas, num momento em que direitos e conquistas estão sendo atropelados pelo capital, as perdas parecem fatais e as lutas e negociações no plano exclusivamente econômico, com raras exceções, só resultam em prejuízos e frustrações.

21 - Novos desafios para o movimento operário e sindical, e o movimento comunista em particular, emergem desta realidade. Salta aos olhos a conclusão de que se tornou indispensável trabalhar pela recomposição das forças do trabalho, buscando e encontrando formas de organizar e representar a massa de proletários "precários" e desempregados, hoje bem maior que os assalariados formais e (ainda mais) que os sócios das entidades de classe.

Consciência e centralidade da classe operária

22 - Nas novas condições criadas pelo desenvolvimento do capitalismo, as fronteiras entre trabalho produtivo e improdutivo tornaram-se mais tênues e incertas. O seminário sindical do PCdoB discutiu e enfatizou tal problema, deixando patente a carência de um estudo maior sobre o perfil da classe operária e mesmo do proletariado na atualidade.

23 - A redução do emprego na indústria e agropecuária (setores que concentram ou concentravam o grosso do trabalho produtivo) significou também a diminuição numérica do operariado ou estamos diante de mutações no perfil da classe ainda não identificadas e compreendidas pelo marxismo? Qualquer que seja a resposta, é certo que existe uma lacuna em nosso pensamento a respeito deste tema, cardeal para os comunistas e que remete à polêmica sobre a centralidade da classe operária na transformação revolucionária da sociedade.

24 - Embora não restem dúvidas de que devemos partir das indicações de Marx, Engels e Lênin na investigação deste assunto é preciso entender também que elas não esgotam o tema e não são (nem poderiam ser) suficientes para dar conta das mudanças ocorridas desde então. A teoria, neste caso, como em outros casos, é indispensável para a elaboração da tática e da estratégia comunista. E, como recomendam os clássicos do marxismo, ela deve ser desenvolvida, à luz das transformações objetivas operadas na realidade social e do avanço da ciência.

25 - A Comissão Sindical Nacional deverá formar um grupo de estudo, dirigido pelo Comitê Central do nosso Partido, para investigar o novo perfil do proletariado.

II Parte**Partido: Problemas e desafios**

26 - São grandes os desafios para enfrentar a crise do capitalismo, procurando-se viabilizar uma alternativa social mais avançada, e do movimento operário e sindical. É preciso admitir que o PCdoB se coloque à altura deles. O seminário identificou vários problemas na ação desenvolvida pelo Partido



neste terreno, cabendo destacar o seguinte:

26.1 - Diante da nova situação política é necessário e possível, uma maior vinculação da ação sindical com o projeto político/partidário, sem prejuízo da autonomia sindical.

26.2 - Predomina, em âmbito nacional e nas diversas instâncias partidárias, uma conduta que subestima a necessidade de priorizar o trabalho no movimento operário e sindical. Isso decorre de uma concepção não explícita de que o proletariado não tem papel primordial no projeto político atual de enfrentamento ao governo neoliberal de FHC. Verifica-se a falta de compreensão das direções partidárias no acompanhamento (em geral negligente) das gestões sindicais e mesmo das eleições e disputas da direção do movimento, o que revela na prática a subestimação da luta de classes e do papel que nela exercem os trabalhadores(as) e suas organizações. No geral, o acompanhamento das direções se efetua de forma secundarizada e compartimentada, como se fossem problemas exclusivos das comissões sindicais, e divorciado da direção política dos organismos partidários.

26.3 Entre as conseqüências deste comportamento, destaca-se o rebaixamento do papel do Partido por parte dos sindicalistas comunistas, que se pautam pela máxima "mais sindicato, menos partido". A médio e longo prazo, a prática de subestimação do trabalho junto ao proletariado, cuja contrapartida é a priorização unilateral das tarefas político-eleitorais e (hoje) da participação em governos de oposição, pode comprometer o caráter revolucionário do nosso Partido e, a julgar pela experiência histórica, conduzir ao reformismo e à absolutização da "via parlamentar". O perigo é real e não deve ser desprezado. Uma prova da referida subestimação é o fato das direções regionais ainda não terem se dado conta da necessidade de debater exaustivamente as transformações ocorridas e em curso no chamado "mundo do trabalho". A importância do trabalho na frente institucional é indiscutível, mas não pode obscurecer a relevância da ação consciente e planejada dos comunistas na organização e mobilização do proletaria-

do em defesa dos seus interesses imediatos e futuros

26.4 - Como conseqüência da subestimação do trabalho na frente operária e sindical (embora não só por isto), promove-se a praga do espontaneísmo, que como dizia Lênin conduz infalivelmente ao reformismo. Falta (e é imprescindível) mais consciência revolucionária, assim como planejamento e estratégia na tarefa de inserção do partido nas bases proletárias e sindicais

26.5 - É indispensável partir do pressuposto de que o coveiro do capitalismo, e espinha dorsal do processo de transformação revolucionária da sociedade que os comunistas propõem, é e será o proletariado. O PCdoB deve conceder-lhe um papel correspondente em sua ação cotidiana, articulando e planejando o trabalho das diversas frentes com o propósito de ampliar a inserção e organização dos comunistas entre as amplas massas do nosso povo

Ajustes na orientação partidária

27 - O seminário concluiu que o movimento operário mundial atravessa ainda uma situação de defensiva estratégica, em que pese a crise do neoliberalismo e o crescimento de uma central tendência à ofensiva do pensamento único neoliberal, com o avanço da luta dos trabalhadores e dos povos. Continua atual a nossa orientação de resistência ativa, levando em conta a atual correlação de forças. O Partido não vive um processo de estagnação e retrocesso no movimento sindical, mas se não atualizar sua conduta para fazer frente aos novos desafios da atualidade, poderá vivê-la. A derrota estratégica no Sindicato dos Condutores de São Paulo deve servir de alerta a todo o coletivo.

28 - É indispensável fortalecer a Corrente Sindical Classista como instrumento mais amplo para construir uma base própria de massas identificada com o PCdoB entre os trabalhadores e ampliar nossa presença e influência política no interior da CUT.

29 - Os ajustes não se operam de forma automática ou por decreto. É preciso levar em conta as premissas da forma comunista de ação na luta sindical e a sua intera-

ção com a novas condições que a globalização neoliberal nos impõe. A Conferência Sindical Nacional deve debater e deliberar, entre outros, sobre questões como:

29.1 - A necessidade histórica de vincular as lutas econômicas imediatas, de caráter corporativo, à luta política nacional, em defesa do Brasil, da Democracia e do Trabalho e contra o governo neoliberal de FHC. A análise das negociações e acordos coletivos fechados nos últimos anos revela que a luta imediata dos assalariados, de caráter econômico, é claramente insuficiente para fazer frente à ofensiva neoliberal. Com raras exceções, seus resultados são frustrantes. Em geral, consolidam o arrocho dos salários e a redução de conquistas e direitos. Essas condições, adversas, realçam ainda mais a necessidade inadiável de elevar o nível político e ideológico da luta de classes, vinculando as batalhas específicas das categorias com a luta política mais geral. A defesa do trabalho e dos trabalhadores deve ser associada à luta contra o neoliberalismo imperialista e em defesa da nação e do povo, por um projeto de reconstrução nacional e um novo governo comprometido com um programa de caráter democrático, nacional e popular.

É preciso identificar e levantar as principais bandeiras de luta do proletariado brasileiro hoje em defesa do emprego, com destaque para a redução da jornada de trabalho; de melhores salários; dos direitos sociais, ameaçados pela dupla FHC/FMI; da reforma agrária e da soberania nacional (rompimento dos acordos com o FMI e suspensão do pagamento da dívida externa).

29.2 - Trabalhar pela unidade da classe operária e dos demais trabalhadores na CUT, melhorar nossa atuação na Central com o objetivo de transformá-la numa poderosa ferramenta de luta em defesa dos interesses e imediatos e futuros do proletariado.

29.3 - Imprimir nas entidades que dirigimos uma orientação combativa, classista, de massa e democrática, alicerçada nos locais de trabalho. Garantir a transparência no trato com a finanças das entidades, reforçando mecanismos de controle e fiscalização para impedir que os recursos dos traba-

ESPECIAL

lhadores sejam utilizados em proveito pessoal. As finanças devem estar voltadas para a luta.

29.4 - Reforçar a interação da entidade sindical com o conjunto dos movimentos sociais que abordam todos os aspectos da vida dos trabalhadores: a luta anti-racista; pela igualdade entre os gêneros; da juventude; do movimento comunitário; pela terra, saúde, cultura, meio ambiente e outras lutas específicas do nosso povo.

29.5 - Contribuir para a difusão de uma cultura classista, elevando o nível da consciência social e política dos trabalhadores (as) a partir das entidades sindicais que dirigimos e da militância partidária. Os sindicatos podem e devem se transformar em escolas da luta de classes, assegurando a educação socialista dos ativistas, o combate ideológico ao neoliberalismo e à conciliação de classes e às posições aventureiras e sectárias; desenvolver os valores revolucionários de convivência humana baseados na solidariedade e no coletivismo, contra os valores burgueses individualistas impostos pela ideologia que idolatra o mercado e pelas políticas gerenciais das empresas. O Centro de Estudos Sindicais, em harmonia com a CSC, deve repensar neste sentido os seus cursos e atividades de formação, visando principalmente as novas lideranças que surgem no movimento sindical.

29.6 - Desenvolver o caráter internacionalista da luta dos explorados através da solidariedade de classe, intercâmbio de experiências e ações comuns.

29.7 - Avaliar permanentemente, com espírito crítico e auto-crítico, se estamos conseguindo fortalecer o Partido entre os traba-

lhadores como instrumento insubstituível e estado maior da luta do proletariado por sua emancipação e de toda sociedade pela conquista do poder político e formação de uma consciência revolucionária. Temos também a necessidade de examinar se o Partido está compreendendo corretamente o seu papel na prática e não só na teoria e se a classe operária e se os trabalhadores continuam ocupando potencialmente a centralidade na luta pela superação do capitalismo e a conquista do socialismo.

Algumas medidas concretas foram sugeridas pelo seminário:

30 - Resgatar a militância revolucionária, objetivando a elevação da consciência do dirigente sindical comunista, o que será possível com o fortalecimento do papel dirigente do Partido nos sindicatos, através dos organismos partidários, as células, comitês e frações. Isto pressupõe o funcionamento regular dos organismos partidários.

31 - Debater intensamente com a militância a relação Partido-sindicato, as limitações da luta sindical e o caráter dirigente do Partido, sem o qual não existirá sindicalismo revolucionário nem revolução socialista.

32 - Superar a compartimentação na organização partidária entre as comissões sindicais, as direções do Partido em outras áreas, frações e frentes como CSC, UJS, UBM, Unegro, CONAM e os mandatos parlamentares. A organização comunista no seio do proletariado é tarefa prioritária do Partido em todas as frentes. É preciso, portanto, harmonizar e entrelaçar a ação das diversas áreas e níveis de direção objetivando a construção do plano de estruturação orgânica do PCdoB na classe

operária e no movimento sindical. A sintonia entre as secretarias sindicais e de organização, por exemplo, é indispensável. É igualmente importante relacionar e integrar as frentes voltadas para a juventude, mulheres, negros e assalariados rurais (sindical), que hoje atuam de maneira dispersa e compartimentada.

33 - Direcionar os cursos de formação do Partido aos quadros comunistas do movimento sindical, em especial aos operários, priorizando a nova geração de comunistas que revela maior carência ideológica.

34 - Reforçar o CES, que deve repensar sua atividade, e a revista *Debate Sindical* como instrumentos da luta de idéias e formação da opinião classista no movimento sindical. Sente-se a falta de uma imprensa operária para as massas, para as fábricas e empresas. O jornal *A Classe Operária* ainda não joga hoje este papel, atingindo parcialmente os quadros e militantes do Partido. É preciso analisar a proposta de editar um jornal ou um boletim específico para o trabalho operário e a realização de uma pesquisa para levantar o perfil do novo proletariado brasileiro: como vive, quem é e o que pensa este proletariado.

35 - Desenvolver um plano estratégico de crescimento partidário, levando em conta as principais empresas e ramos de atividades, com a organização de células.

36 - Definir, junto com a UJS, uma estratégia de organização do Partido entre os jovens trabalhadores, cuja participação no mercado de trabalho vêm crescendo, levando em conta o potencial e espírito revolucionário da juventude e levantando as bandeiras especí-

cas deste segmento, como a luta pelo primeiro emprego e por igualdade de salários e condições de trabalho.

37 - Conceder também prioridade ao trabalho entre as mulheres e os negros, atuando em conjunto com a UBM e a Unegro.

O socialismo, nosso grande desafio

38 - Se é verdade que o movimento operário e sindical e em especial o movimento comunista vivem um período de crise e uma fase de defensismo estratégico, não é menos verdade que a crise econômica e as contradições do sistema capitalista-imperialista não só não foram contornadas pela política neoliberal como também amargam um processo de visível agravamento.

39 - As contradições entre capital e trabalho estão sendo acirradas pela política neoliberal e as transformações objetivas que se verificam no processo produtivo e resultam na mudança de patamar da taxa de desemprego, precarização das relações e contratos trabalhistas, arrocho dos salários e redução da rede de seguridade social. Acirram-se igualmente as contradições interimperialistas, impulsionadas pelo processo de manutenção a todo o custo da hegemonia econômica dos EUA, e entre o imperialismo e as nações economicamente dependentes, espoliadas pelas grandes potências.

40 - Na América Latina esse aguçamento das contradições entre o imperialismo (americano) e as nações dependentes tem alguns nomes: Plano Colômbia, Alca e dolarização. São três iniciativas, nos campos diplomático, econô-

mico e militar, interligadas pelo propósito de consolidar a liderança econômica dos EUA na região e recolonizar as nações latino-americanas.

41 - A crise econômica, por natureza social, desdobra-se gradualmente em crises políticas e tende a criar objetivamente situações de convulsões sociais e políticas, como se pode deduzir de recentes acontecimentos no Equador, Bolívia, Venezuela e Argentina, entre outros países. A transformação socialista está se tornando numa necessidade histórica objetiva.

42 - Nosso Partido precisa se colocar à altura da ofensiva do capital e dos desafios revolucionários que a história nos impõe. Para tanto, é fundamental analisar com espírito comunista (crítico e auto-crítico) as deficiências e erros teóricos e práticos da nossa atuação, realizar todos os esforços precisos para corrigi-los e capacitar-se para dirigir a luta pela transformação estratégica da sociedade, que implica a substituição do capitalismo e a construção de um novo regime social. Devemos pensar grande e preparar o espírito do coletivo partidário para tal objetivo, de forma a merecer e honrar o posto de estado maior da luta de classes do proletariado.

A Conferência Sindical Nacional e o 10º Congresso do PCdoB podem e devem ser orientados neste sentido.

Texto-guia dos debates da Conferência Sindical Nacional. Após a distribuição do texto-guia dos debates da Conferência Sindical Nacional passamos a receber contribuições como os textos da camarada Jô Moraes e do camarada Everaldo Augusto que publicamos em seguida

Crise sindical: desafio das direções partidárias

JÔ MORAES*

Já há algum tempo o Partido vem discutindo a crise de múltipla natureza vivida pelo movimento sindical. Seu enfrentamento passa a ser de responsabilidade coletiva, na medida em que compreende-se o papel estratégico que a luta operária joga na acumulação de forças com vistas ao projeto socialista e sua contribuição na elevação da resistência anti-neoliberal. A solução da crise também não se situa na dimensão do desejo ou da vontade da militância da área já que ela é uma crise teórica, crise política, crise de atualização organizativa.

É bom sempre lembrar que as dificuldades que atingem a organização dos trabalhadores é parte da crise mais geral do projeto de sociedade que representa sua emancipação, o projeto socialista.

Há fatores objetivos que contribuem para o seu desenvolvimento, fatores esses que vão, desde o desemprego, a reestruturação produtiva, passando pelas novas formas de gerenciamento. Mas há um número elevado de outros aspectos que dificultam a construção de alternativas para a sua solução.

Nesse período de defensiva estratégica do movimento operário, há um predomínio da ação institucional e diminuição dos conflitos diretos de classe, embora as lutas sociais continuem se manifestando das mais diferentes for-

mas. No ambiente de "calmaria" surgem tendências à conciliação, à capitulação e ao abandono da opção revolucionária. Uma grande ofensiva ideológica tenta desacreditar a classe operária e os demais trabalhadores de sua própria força.

Vive-se também certo isolamento político nas diversas manifestações de resistência dos trabalhadores. Suas greves ou mobilizações contam com pouca solidariedade externa, exaurindo as energias de cada categoria em luta. Esta situação é agravada pelo predomínio da prática voluntarista. Os militantes absorvidos no trabalho cotidiano e na máquina burocrática rebaixam a sua intervenção política, debilitando a contribuição dos trabalhadores ao movimento político de massas.

O debate partidário sobre o movimento sindical se faz de forma compartimentada, sem que todo o coletivo dele participe e nele contribua. É necessário buscar as razões para tal fato no terreno político, abandonando-se as simplificações das vontades e desejos.

A prioridade de toda nossa ação está na construção de um amplo movimento político de massas de enfrentamento ao projeto neoliberal em curso no país. Só através de um movimento como esse será possível derrotar as atuais forças hegemônicas, conquistar um novo governo que crie melhores condições para a luta maior. Por que esta definição polí-

tica não se reflete numa busca cotidiana para a incorporação das principais entidades do povo nesse processo? *Ocorre uma incompreensão, em amplos setores partidários, do papel decisivo que as organizações tradicionais do povo, particularmente o movimento sindical, jogam nas ações políticas de massa em nosso país.* (É só lembrar o grau de contribuição que os sindicatos e as entidades estudantis jogaram na mobilização da última Marcha dos Cem Mil, em Brasília). Esta incompreensão faz com que tanto a militância sindical não se incorpore, de forma cotidiana, no debate, como as direções partidárias não tomem para si a responsabilidade dos graves problemas que o movimento sindical enfrenta.

Há desafios a serem incorporados pela militância do setor. Não basta estar nas portas de fábricas ou de empresas realizando a resistência econômica. Essa prática é de grande importância porque é a forma direta de aproximação com os setores menos informados da categoria. Mas a realização de uma política de acumulação de forças vai mais além. A acumulação com vistas à aproximação de um projeto socialista passa por três aspectos básicos: a - contribuição central ao desencadeamento de um movimento político de massas; b - criação de uma tendência socialista nas categorias junto às quais realiza-se o trabalho; c - contribuição para a cons-

trução do Partido revolucionário. Estes aspectos devem ser refletidos no cotidiano da vida partidária para que se afirme a essência do Partido revolucionário: Partido da transformação social, da cons-

ciência, da ruptura e da luta política de massas.

* Presidente Estadual do PCdoB-MG

ASSINE



A CLASSE OPERÁRIA

Rua Adoniram Barbosa, 53, CEP 01318-020, São Paulo - SP
Tel.: 0__11 3104-4140 Correio eletrônico: classeop@ruralsp.com.br

15 edições = R\$ 15,00

Pagamento:

<input type="checkbox"/> Cheque nominal	<input type="checkbox"/> Cartão nº
<input type="checkbox"/> Dinheiro	Validade
<input type="checkbox"/> Vale postal nº	<input type="checkbox"/> Depósito na conta
	Ag.0251
	C/C 48676-7, Banco Itaú

Nome:

Endereço:

Bairro: Cidade:

CEP Estado:

Data de nascimento:

Tel.: ()

Profissão:

Correio eletrônico:

Data da assinatura:



Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

ESPECIAL

Potencialidades e limites do sindicalismo

EVERALDO AUGUSTO*

Os companheiros participantes no Seminário Sindical acentuam a necessidade de contextualizar o debate acerca do movimento sindical dirigido pelo Partido. Este é o método correto de enfrentar a discussão. Qual é o pano de fundo da nossa discussão? Qual é o contexto?

Evidente que o contexto é de crise. Uma parte do movimento sindical, a parte que detém a hegemonia do sindicalismo que representa os trabalhadores formais, está num processo, com grau diferenciado, de adaptação ao neoliberalismo. Adota as teses da concentração social; pratica o sindicalismo propositivo; prioriza a negociação em detrimento da luta; dirige sua ação pelo pragmatismo. Não combate a crise, nem suas consequências. Exige políticas compensatórias. No caso da Força Sindical este processo se dá de maneira aberta. No caso da CUT, a corrente majoritária adota a linha da socialdemocratização da Central.

A parte do sindicalismo de resistência, que apresenta uma saída de classe para a crise, convive com a dificuldade de ser minoria e, a despeito de manter a coerência teórica e ideológica, também não dá respostas à onda destrutiva e regressiva em curso contra o emprego, o salário e os direitos sociais.

A questão é: qual o caráter da crise?

A burguesia, seus ideólogos e órgãos da imprensa oficial, dizem que o a origem da crise do sindicalismo está na perda da centralidade do trabalho e que o sindicato, em decorrência, está superado enquanto forma de organização. Claro que se trata de uma empulhação, própria da ofensiva ideológica contra o proletariado.

Por isso é que precisamos entrar neste debate, fazendo uma análise criteriosa e científica de afirmação da centralidade do trabalho. A crise para nós tem outro caráter, não nega a visão marxista do trabalho como uma necessidade social, como crescimento material e espiritual do homem. E isto não é nenhuma novidade. Não é a primeira vez que o movimento sindical passa por uma crise decorrente de mudanças na forma de organização da produção. Por exemplo, o anarco-sindicalismo do século XIX e início do século XX foi superado pelas mudanças na forma de organização da produção capitalista, mas o sindicato não foi negado. Ele ressurgiu com outras características organizativas e políticas.

A crise do movimento sindical se insere no contexto de uma crise mais geral do movimento operário. No aspecto teórico ela é marcada pela predominância do pensamento neoliberal e pelo surgimento de saídas que não apontam para a ruptura com o sistema. No interior do Partido, no dia-a-dia da ação dos comunistas a crise se dá na separação entre estratégia e tática.

A crise do movimento operário repercute de maneira mais acentuada no movimento sindical. No que pese o fortalecimento do sindicalismo que resiste à onda destrutiva e regressiva do capital, o que predomina no campo da esquerda é o tipo de sindicalismo negocial, que exige políticas com-

pensatórias e que se esforça em se afastar do passado de defesa do socialismo. No campo da direita verifica-se o avanço do sindicalismo comprometido com a aplicação das políticas neoliberais.

Portanto, falar de potencialidades do sindicalismo, significa contextualizá-lo no quadro de crise do movimento operário, que embora não seja insuperável ou permanente, é o quadro que se nos apresenta, acompanhado de maior ofensiva contra os trabalhadores e os sindicatos já vista. Assinalar esta questão é importante para que não busquemos saídas idealistas ou alternativas equivocadas que apontem para a adoção de uma nova política para o movimento sindical dirigido pelo Partido. Nossa política para o movimento sindical ainda não se esgotou. O ciclo de nossa participação na CUT ainda não se completou.

Se o diagnóstico de crise do movimento sindical é importante para termos uma dimensão exata dos nossos problemas, por outro lado, é tão importante também diagnosticar que a saída desta crise está diretamente relacionada à conquista de uma nova correlação de forças diferente desta atual. Derrotar o neoliberalismo significará uma nova fase de luta dos trabalhadores que propiciará o surgimento de respostas para nossos problemas orgânicos, políticos e ideológicos. Daí a importância da luta institucional, cuja relação com a luta sindical é de interação e não de negação. Nesse sentido, as potencialidades do sindicalismo vinculam-se a duas ordens de questões: 1- Necessidade de uma nova correlação de forças, favorável à luta política e a possibilidade de uma nova retomada da luta reivindicatória. 2- Fortalecimento das bases sindicais do Partido.

Potencialidades

Em plano mundial verifica-se um declínio do pensamento neoliberal, a falência das suas políticas. O que tem levado a diversos setores do proletariado a ensaiar lutas, ainda isoladas e setoriais, que contestam abertamente o modelo que vem sendo imposto, que privilegia o capital especulativo e promove a abertura de mercados nacionais para favorecer os grandes grupos transnacionais. A cada dia surgem novos segmentos, inclusive do empresariado alijado do processo, que condenam o neoliberalismo e o responsabilizam pela globalização da miséria, da exclusão social e do desemprego. Como consequência observam-se em diversos países vitórias institucionais de forças e coalizões que contestam o neoliberalismo, greves e protestos de rua contra o desemprego e em defesa do salário. Todos estes movimentos ainda não apontam para a ruptura com o sistema, têm pouco alcance, mas são evidências da profundidade da crise e da busca de uma saída, como foi o caso do Fórum Social Mundial recentemente realizado em Porto Alegre.

Internamente observa-se o esgotamento do modelo iniciado com Collor de Melo e implantado nos mandatos de FHC. Os recentes resultados eleitorais demonstram que o grau de insatisfação popular já podem ser vistos a olho

nu. Não obstante a margem de manobra nas forças neoliberais não ter se esgotado, a tendência é vitória das oposições nas próximas eleições. Embalado pela possibilidade de mudança na correlação de forças o movimento sindical poderá inaugurar um novo momento de luta e movimentação pelos direitos sociais.

É importante observar que o desenvolvimento da crise e o esgotamento do modelo não produzirão por si só uma alternativa ao neoliberalismo. Neste sentido os comunistas devem estar atentos a dois movimentos. O primeiro deles relaciona-se à mudança de atitude perante as consequências da crise. O objetivo nesse caso é se esforçar em unificar e mobilizar os trabalhadores para a luta concreta. O segundo diz respeito a ação política voltada para construir a frente de oposição a FHC. Os desdobramentos eleitorais influenciarão decisivamente na superação da crise atual que passa o sindicalismo, caracterizada por completa paralisia diante dos ataques desferidos contra os trabalhadores.

Papel dirigente do Partido

Ação política dos militantes no dia a dia sindical está dissociada da política geral do Partido. Isto fica evidente na fragilidade das nossas organizações partidárias nas bases de categorias que dirigimos, ou mesmo a sua ausência. Não se trata de um fato novo, mas é recorrente e pode ser decisivo para um retrocesso à frente das entidades que dirigimos. Diga-se de passagem que o retrocesso que alguns aqui se referiram não virá por conta da falência da nossa política, mas pela fragilidade dos laços que ligam o sindicalista ao Partido. Já de algum tempo falamos que ocorre uma inversão. Em vez do Partido dirigir o Sindicato, é o Sindicato que dirige o trabalho político do Partido nestas bases.

São várias as evidências deste fenômeno. Não se verifica crescimento do número de militantes. Na maior parte das vezes os militantes estão todos na direção da entidade. São poucas as reuniões partidárias. Quando estas ocorrem contam apenas com uma parte dos militantes e tratam apenas das questões mais imediatas, que são aquelas relacionadas aos problemas administrativos. Não raro as reuniões ocorrem com o objetivo de superar divergências pessoais, de método ou de encaminhamentos, sobre as quais os militantes não têm unidade.

Desta forma nos nivelamos ao estágio comum de qualquer sindicalista. A diferença é que defendemos, no plano das idéias, uma ruptura radical com o capitalismo e abraçamos a causa socialista. Mas esta postura não se traduz em militância comunista no dia-a-dia. Aqui se dá a separação entre estratégia e tática. Daí que se conclui que há um descolamento da base sindical e a organização do Partido. Isto é danoso, levando-se em conta o caráter do Partido Comunista, que existe para ser alternativa de poder. O que se torna mais complicado é que esta situação compromete nossos planos de crescimento, de transformação em

“partido de porte médio”.

Precisamos chamar a atenção que é o Partido que dá a tendência de mudança, que faz a ligação entre a teoria e a prática, que sistematiza a experiência concreta de luta, que dirige todo o movimento. Secundarizando a vida partidária não conseguiremos vincular o movimento espontâneo das massas ao movimento consciente pelo socialismo.

Chegamos ao limite. Ou damos tratamento a esta questão ou pagaremos o ônus da diminuição da nossa presença no movimento social. Pela extensão dos problemas na base sindical concluímos que a tarefa de inserir os sindicalistas na vida partidária é do conjunto da direção, em todos os níveis, não somente dos secretários sindicais ou das comissões sindicais, onde elas existem e funcionem.

Limites

Sem querer estabelecer uma hierarquia entre os limites que entram o nosso crescimento, vamos elencar alguns deles com a intenção de fazer um diagnóstico a ser avaliado.

A - Transição de gerações

Há algum tempo vivemos um fenômeno que atinge todo o movimento sindical, em particular o Partido. Há um processo de transição pelo qual os sindicalistas que participaram diretamente da luta contra o regime militar, que viveram o ascenso das lutas da década de 80, estão cedendo lugar a uma nova geração que chegou ao sindicato em pleno período de defensiva, de queda do poder de fogo dos sindicatos.

Os primeiros, até porque participaram de um processo radicalizado de mobilização, têm melhor formação política. Quando chegaram ao sindicato já eram militantes do Partido, já haviam passado por cursos e atividades partidárias que lhes deram melhor domínio do marxismo, compreensão de categorias de análise da realidade baseada no materialismo dialético. A maior parte deles tornou-se sindicalista por decisão partidária. Estes assumiram outras tarefas ou por qualquer outro motivo saíram ou estão saindo do movimento sindical. A consequência é uma queda considerável da ação política dos sindicatos.

A nova geração tem características diferentes. Aderiram ao Partido depois de eleitos para diretorias das entidades. Não passaram pelo crivo da luta mais radicalizada. São pressionados por outra ordem de problemas vividos pelos trabalhadores. Têm dificuldade em ter um visão de conjunto da luta de classes.

Nesta circunstância a formação política, teórica e ideológica destes camaradas assume importância que ainda não percebemos, inclusive de conteúdo.

B - Mais sindicato, menos Partido

Pode-se dizer que nossos sindicalistas atuais vivem mais o Sindicato e menos o Partido. Não se trata de inverter a situação. Trata-se de dar a importância devida à vida partidária. Nunca é demais

lembrar que a luta sindical por si só, deforma. O Partido forma.

C - Corporativismo X Luta Geral

Estamos acostumados a associar o corporativismo a ação sindical economicista voltada apenas a tratar as questões de uma só categoria ou setor da classe. Este é dos limites próprio do sindicalismo e que é acentuado nos momentos de crise devido à pressão da base em buscar soluções para os seus problemas. Precisamos transpor este limite na prática, dado ao papel dos comunistas que lutam em primeiro lugar pelos interesses gerais do proletariado e que o corporativismo funciona como uma barreira. É necessário ir além do debate já estabelecido, por que há segmentos, no funcionalismo público sobretudo, em que se faz uma boa combinação entre a luta econômica e a luta política, mas que não as generaliza para o conjunto da classe e da sociedade, residindo aí um dos pontos fracos para conter a investida neoliberal.

D - Luta intersindical

Uma das variantes do debate sobre corporativismo. Aqui o entrave principal que dificulta o crescimento da CSC, cuja razão de existir é unificar a ação de uma corrente marxista dentro e fora da CUT. Sem articulação das categorias, setores, ramos e sindicatos a CSC joga o papel que pode desempenhar.

E - Finanças

Os sindicatos dirigidos pelo Partido vive em permanente crise financeira. Agimos de maneira paternalista em relação aos trabalhadores e menosprezamos as iniciativas de fortalecer as receitas das entidades, a exemplo das filiações e do aumento das mensalidades. Este fato compromete todos os nossos planos. Sem recursos financeiros a ação política se restringe ao dia a dia.

F - Hegemonia de Articulação

Cada militante do Partido pode citar algum exemplo de como se materializa a política hegemônica da corrente majoritária da CUT, que em várias situações utiliza o discurso e a prática da direita para nos excluir das direções sindicais.

Todo esforço deve ser feito para quebrar esse hegemonismo.

G - Ongs NO SINDICATO

Sindicato/ong. Assim pode ser chamado aquele sindicato que, diante das dificuldades em obter conquistas relacionadas ao emprego e salário, volta sua ação para cuidar de temas importantes, mas secundários diante dos problemas principais enfrentados pelos trabalhadores. Em vez deste sindicato/ong precisamos interagir os sindicatos com o movimento social que se organiza para se contrapor aos efeitos danosos do capital que degrada a vida, o meio-ambiente e os direitos sociais.

*Secretário Sindical do PCdoB/Ba - Presidente da CUT/Bahia